



## Residência artística: deslocamentos e mobilidades para um laboratório

*Artistic residency: moving and mobility for a laboratory*

Marina Souza Lobo Guzzo \*

### RESUMO

Esse artigo tem como objetivo apresentar uma experiência de residência artística situada no Laboratório Corpo e Arte, no Instituto de Saúde e Sociedade da Unifesp Baixada Santista. A proposta é que este relato fomente o trânsito entre artistas e cientistas, diálogos e trocas possíveis, estimulando a diversidade das formas de criar e produzir conhecimento em saúde, mas também em outras áreas, a partir da experiência estética e do convívio. É urgente que o conhecimento produzido na universidade consiga circular e dialogar com outros setores políticos e sociais em um mundo à beira de uma catástrofe climática. Pontes entre cientistas, laboratórios e a comunidade, são necessárias e precisam ser construídas cotidianamente: um artista pode ajudar muito nessa empreitada.

**Palavras-chave:** Arte; Ciência; Residência Artística; Deslocamentos; Mobilidade.

### ABSTRACT

This article aims to present an artistic residency experience in the Body and Art Laboratory at the Institute of Health and Society of Unifesp Baixada Santista. Our proposal is that this report fosters the transit between artists and scientists, their dialogues and possible exchanges, stimulating a diversity of ways of creating and producing knowledge about health, but also in other fields, based on aesthetic experience and conviviality. It is imperative that knowledge produced at the university be able to circulate and dialogue with other political and social sectors in a world on the verge of a climatic catastrophe. Bridges between scientists, laboratories and the community are necessary and need to be built on a daily basis: an artist can help a lot in this endeavor.

**Keywords:** Art; Science; Artistic Residence; Displacements; Mobility.

---

\* Pós-Doutorado em Artes da Cena na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Departamento de Saúde, Clínica e Instituições, Instituto de Saúde e Sociedade, Campus Baixada Santista. Endereço: Rua Silva Jardim, 136, Vila Mathias, CEP 11015-020, São Paulo, SP. E-mail: marinaguzzo2@gmail.com.

Fotograma de *A minute ago* [Um minuto atrás] (2014), de Rachel Rose, 2014.



Obra apresentada na 32ª Bienal de SP.

## PRÓLOGO

A obra *A minute ago* [Um minuto atrás] (2014), de Rachel Rose, foi apresentada na 32ª Bienal de São Paulo, cujo tema “Incerteza Viva” teve como eixo da curadoria a reflexão sobre as atuais condições da vida e as estratégias oferecidas pela arte contemporânea para acolher ou habitar incertezas. O trabalho da artista de Nova York é uma reflexão sobre a experiência da catástrofe, que mescla um vídeo encontrado no YouTube de uma súbita tempestade de granizo em uma praia com relatos do arquiteto americano Philip Johnson em sua Casa de Vidro, que, por sua vez, são confrontados com a reprodução da pintura *O funeral de Phocion* (1648), do francês Nicolas Poussin, entre outros elementos.

A 32<sup>a</sup> Bienal de São Paulo<sup>1</sup> esteve recheada de trabalhos que contavam com a sobreposição de saberes sobre o mundo, transitando entre a arte, a ciência e a religião. A exposição teve a curadoria de Jochen Volz e se propôs a traçar pensamentos cosmológicos, inteligência ambiental e coletiva, assim como ecologias naturais e sistêmicas. Outras obras também continham a sobreposição de discursos e saberes, como é o caso de *O peixe*, de Jonathas Andrade – situada num território híbrido entre documentário e ficção, a obra dialoga com a tradição etnográfica do audiovisual. Acompanha pescadores pelas marés e pelos manguezais de Alagoas, que utilizam técnicas tradicionais de pesca, como rede e arpão, na espera pelo tempo necessário para capturar a presa. Cada pescador encena uma espécie de ritual: eles retêm os peixes entre seus braços até o momento da morte, uma espécie de abraço entre predador e presa, entre vida e morte, entre o trabalhador e o fruto do trabalho, no qual o olhar – do pescador, do peixe, da câmera e do espectador – desempenha papel crucial. A obra é angustiante, pois vivemos ali o momento perturbador da morte e a certeza de nossa falta de controle diante de muitos aspectos da vida.

A busca da certeza parece ter ficado a cargo da ciência, em seu local de trabalho usual, a universidade, mais especificamente: o laboratório. É nesse espaço que se produzem experimentos “controlados” que geram discursos e “verdades” sobre a vida e a existência. Seja uma enzima utilizada no interior da fibra muscular que permite um melhor desempenho de atletas, até métodos e técnicas para a pedagogia de crianças. A prática da ciência é fazer perguntas, investigá-las e organizá-las em forma de respostas – muitas vezes distantes de grande parte da população –, incluindo os próprios investigados.

O que sabemos, como cientistas e pesquisadores é que trabalhamos com a noção de incerteza em muitas de nossas disciplinas – da matemática à astronomia, passando pelas ciências humanas e principalmente a educação. E propomos, a partir desse relato de experiência que, a incerteza na arte, contribua para uma produção que se alimenta do risco, da chance, do improvisado, criando desordem, ambiguidade e contradição na produção do conhecimento científico. A proposta colocada pela 32<sup>a</sup> mistura arte e ciência, com espaço para o erro, para dúvida, para o medo e para o encontro. Convivendo com artistas, poderemos, nós cientistas, encontrar modos de existir que assumam trânsitos de saberes distintos? Há maneira de resistir e encarar a produção científica também como uma verdade transitória? O convívio entre artistas e cientistas parece um espaço potente para que essa mudança possa acontecer.

A preocupação com uma abertura à diversidade epistêmica tem sido um dos temas de referência em projetos científicos desenvolvidos no Laboratório Corpo e Arte da Unifesp, assim como em ações culturais e artísticas que aqui realizamos. É urgente que a ciência consiga circular e dialogar com outros setores políticos e sociais em um mundo à beira de uma catástrofe climática, regido pelo capitalismo do desastre (KLEIN, 2017). Pontes entre cientistas, laboratórios e a comunidade, são necessárias e precisam ser construídas cotidianamente por todos nós. Esse artigo tem como objetivo apresentar uma experiência de residência artística situada no Laboratório Corpo e Arte da Unifesp Baixada Santista. A proposta é que esta reflexão fomenta diálogos e trocas possíveis entre laboratórios e artistas, estimulando a diversidade das formas de criar e produzir conhecimento, a partir da experiência estética e do convívio.

---

<sup>1</sup> A referência completa sobre a 32ª Bienal e os textos curatoriais está disponível em: <<http://www.bienal.org.br/>>.

Esse encontro que produz diversidade pode ser pensado à luz dos chamados cenários pós-coloniais e tem se desenvolvido no mundo de formas distintas. O que podemos considerar Sul Global parte principalmente de um olhar que está sempre em relação: a diversidade da “América Latina”, da Ásia, é distinta da que ocorre na África ou nos contextos europeus.

A expressão “epistemologias do Sul”, cunhada por Boaventura de Souza Santos (SANTOS; MENESES, 2010) serve como metáfora da exclusão e do silenciamento de povos e culturas que, ao longo do processo histórico do mundo ocidental, foram dominados pelo capitalismo e colonialismo. Uma visão etnocêntrica do conhecimento imprimiu sentidos únicos às culturas e formas de existência. Afirmção de uma ética, de um modo de operar que coloca como “inferior” outras formas de saber, sentenciando o racionalismo científico como única saída para a humanidade. A epistemologia dominante fundamenta-se em contextos culturais e políticos bem definidos: o mundo moderno cristão ocidental, o colonialismo e o capitalismo. Nesse sentido, a produção do conhecimento, o modo como se faz, onde se faz e o que se faz não é exterior aos contextos sociais e políticos que o configuram.

A ideia de um Sul Global, onde a condição pós-colonial não pode ser deixada de lado quando se pensa contextos políticos, científicos e culturais, possui caracterização das condições políticas específicas que fazem parte desta reflexão: a experiência aconteceu na precariedade de uma universidade federal brasileira, em um laboratório em construção e a partir de uma ação de um grupo de pesquisadores, sem qualquer incentivo institucional em seu início. O desejo era abrir espaços públicos para circulação de artistas da cidade onde a universidade está inserida. Oxigenar, aerar, arejar. Colorir um certo fazer institucional que impregna os docentes, alunos e funcionários numa rotina exaustiva e pouco criativa. Bagunçar e desorganizar a lógica do que já estava colocado para o espaço e seus habitantes, com artista residente sendo um “hóspede” que nos obriga a olhar e refletir sobre a maneira como habitamos o espaço de trabalho. Presença de diferentes lógicas de criar, pensar e produzir, exige diálogo constante entre quem recebe esse “hóspede” e quem se propõe a ser esse residente. Ambos precisam confabular modos possíveis de existir juntos.

## RESIDÊNCIA

A residência artística do nosso laboratório começou com um chamamento público a artistas da cidade. Por se tratar de um período longo (oito meses), sem nenhuma ajuda de custo, apenas o espaço oferecido para criação, optamos por trabalhar com artistas locais, para poder também fomentar o diálogo com o entorno. Recebemos apenas duas propostas e aceitamos as duas. Na elaboração desse chamamento, escrevemos um edital, que continha algumas “regras” de convivência, apresentando o projeto de extensão no qual ele estava inserido, o que seria oferecido ao artista residente e o que era esperado como contrapartida para esse período de ocupação.

Nesse momento, foi necessário explicar e definir (para nós e para os colegas da universidade) o que era uma residência artística nesse contexto, pois estamos localizados num instituto de saúde, que tinha a ideia de residência dentro da universidade a partir do modelo médico de formação. Não era essa a metáfora que mais nos agradava para pensar esse projeto: o médico residente chega num espaço para “aprender” na prática como se faz. No caso do nosso artista residente, gostaríamos de uma relação de troca e de “distúrbio”, mais do que qualquer função hierárquica de aprendizagem.

Algumas noções dessa experiência foram então apreendidas e discutidas, e, como eixo principal, escolhemos duas palavras que significam algo muito próximo: mobilidade / deslocamento – ou seja, mudar de lugar, promover movimento de mudança. Os programas de residência artística, de maneira geral, propõem a mobilidade dos profissionais das artes para criar condições propícias para a pesquisa em contextos estrangeiros ou nacionais, promovendo literalmente a desterritorialização como condição básica da criação. No caso da experiência realizada na Unifesp, por se tratar de um laboratório que já faz e realiza experimentações com as artes do corpo, gostaríamos de oferecer o espaço para que o artista pudesse criar seu trabalho – com condições propícias e se deslocando de onde ele criaria originalmente, mas também criando um deslocamento no papel de uma pesquisa dentro daquele espaço.

A expressão “residência artística” é formada por um duplo, que carrega em si um conjunto de significados, muitos deles integrados ao cotidiano, mas não habitualmente utilizados de forma concomitante. Porém, sob qualquer ótica em que ela seja examinada, alguns componentes se destacam, como o deslocamento, o espaço privilegiado, as experiências, as convivências, as trocas, a condição “em trânsito”, a vida em comum, a participação, as colaborações, os processos de articulação e negociação (MORAES, 2014, p. 42).

Esbarramos então, na primeira dificuldade: condições propícias para desenvolver o projeto. Sendo um *campus* de expansão das universidades federais, ainda não temos (tínhamos) o espaço ideal para criação, aulas ou desenvolvimento de projetos. Aqui é importante fazer uma explicação sobre esse cenário: a expansão da educação superior se deu no Brasil por conta do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que, de 2007 a 2012, teve como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. Essa política do governo federal foi instituída pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, e é uma das ações que integravam o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), do governo Lula. A proposta era adotar uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovam a expansão física, acadêmica e pedagógica. Isso, no entanto, se deu de maneira diferente em cada *campus*, especificamente nos diferentes contextos locais onde esses *campi* se construíram. No caso da Unifesp Baixada Santista, contamos com prédios alugados ou cedidos pela prefeitura para que todos os cursos possam desenvolver as atividades propostas. Esses prédios foram adaptados da melhor maneira para receber os trabalhos. A dificuldade de implantação e construção do *campus* se dá até os dias de hoje, pois políticas municipais de cessão de espaço, especulação imobiliária, irregularidades no processo agravaram e ainda agravam essa situação, que agora também conta com o cenário de crise econômica e contenção de gastos.

O Laboratório Corpo e Arte tem um espaço que pode ser considerado adequado, mas não propício. A sala é pequena, onde funcionava um Laboratório de Dietética, do curso de Nutrição, dividida entre muitas pessoas, com circulação de alunos de diferentes cursos, com pé-direito relativamente baixo (pensando em práticas aéreas circenses), piso inadequado para impacto, espaço insuficiente para guarda de materiais, conexão ruim de internet, aparelhos audiovisuais sem instalação correta e principalmente: nenhum técnico que pudesse realizar o trabalho de gestão do

espaço. Contamos apenas com alunos interessados, que ajudavam na construção do espaço a partir do engajamento dos projetos de pesquisa e extensão vigentes.<sup>2</sup> Ainda assim, o espaço possibilita que todos os projetos sejam realizados lá, com êxito. Estamos localizados no Instituto de Saúde e Sociedade da Unifesp, *campus* Baixada Santista, trabalhamos prioritariamente com projetos que tratam do corpo e suas práticas a partir do olhar das humanidades e da arte. São temas privilegiados de estudo as técnicas, os processos de criação, os modos de produção, os discursos, as imagens e as pedagogias que dão forma às poéticas e políticas do corpo na produção cultural contemporânea. É formado por acadêmicos-artistas que dialogam e circulam pelos campos da filosofia, antropologia, história, psicologia, educação e ciências da saúde, a fim de compreender os diferentes discursos epistemológicos sobre corpo e seus modos de invenção. As experiências de criação artística do grupo estão focadas nas artes da presença, com destaque para a dança, a *performance*, o circo e o palhaço.

O projeto de residência nos instigou, primeiramente a pensar em uma forma compartilhada de uso do espaço, resolvendo e organizando questões bem práticas como: fluxos de horários, chaves e entrada de pessoas no espaço, assim como no aprimoramento da guarda dos materiais de pesquisa. Importante explicitar que, dependendo da natureza do projeto, os materiais utilizados podem transitar entre objetos específicos para treinamento do corpo, cenários ou adereços para a construção da cena, colchões, aparelhos circenses e outras infinitas possibilidades.

Uma das artistas residentes, por exemplo, pesquisava a mudança de percepção e movimento, e trabalhava com grandes estruturas de espuma, que eram espalhadas pelo espaço para criar um ambiente de deslocamento no escuro. Onde armazenar esse material? Como produzir um ambiente de *blackout* para que a sala ficasse escura? Foram constantes conversas, *e-mails*, entraves e soluções provisórias. Ainda assim, não conseguimos atender as especificidades do projeto artístico, tivemos que contar com a parceria de outro espaço – nesse caso, da prefeitura de Santos – para que ela pudesse concluir sua pesquisa.

Após a organização do espaço, esbarramos na segunda dificuldade do projeto: proporcionar outra temporalidade, distinta das exigidas pelo sistema de aceleração da produtividade, presente em centros de pesquisa e formação, como as universidades, que deveriam resguardar e ampliar as condições mínimas para o pensamento. Esse “outro tempo”, tão desejado por pesquisadores, serviria a um funcionamento mais crítico e coletivo, para práticas científicas/artísticas que privilegiam a cooperação e a troca em um envolvimento mais direto com a sociedade e seus diversos agentes e comunidades. O projeto precisava, no entanto, de um prazo. Precisava atuar dentro dos tempos de funcionamento do prédio do laboratório e do semestre letivo. Além disso, as atividades oferecidas em contrapartida do uso do espaço precisariam estar conectadas aos projetos já desenvolvidos pelo laboratório, inserindo-se numa agenda prévia que tinha se estabelecido anteriormente, num pacto que envolvia outros docentes e alunos que faziam uso do espaço.

Amilcar Packer (2014) aponta que a mobilidade/deslocamentos de uma residência artística “não pode estar restrita ao mero deslocamento de corpos e objetos de um

---

<sup>2</sup> Informações sobre os projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos pelo Lab Corpo e Arte estão disponíveis em: <<http://corpoeartelab.com/>>.

ponto para outro, pois lida e constitui práticas e fenômenos dos mais variados, respondendo a disposições locais e mundiais, políticas, culturais, sociais, históricas, econômicas, e porque não também lembrar, religiosas, produzindo subjetividades e constituindo comunidades” (PACKER, 2014, p. 29). A mobilidade pode se dar basicamente de duas formas: por livre e espontânea vontade ou por migração forçada. Tivemos, por meio do edital de “forçar” o artista a deslocar-se de acordo com esse tempo universitário. Propusemos a participação das duas residentes no Encontro/Festival<sup>3</sup> que realizamos anualmente pelo Laboratório. Nesse espaço, as duas tiveram oportunidade de fazer uma mostra de pesquisa, que contou com a participação de alunos de graduação e inscritos no evento. Sugerimos que elas escolhessem “o que” e “como” da pesquisa poderiam e gostariam de mostrar nesse momento. Mais alguns e-mails, conversas e negociações, e chegamos a formatos bem interessantes e potentes, que produziram uma série de questionamentos: por que não conseguimos fazer isso antes? Como poderíamos pensar em realizar esse tipo de troca de maneira mais constante?

Packer (2014) indica que são muitos os programas e modelos de gestão e criação de residências artísticas. Laboratórios e universidades podem pensar em espaços ociosos e disponíveis que poderiam ser oferecidos para artistas, residentes. Os programas de residência poderiam incluir projetos conjuntos de cooperação ou apenas a presença do artista no espaço acadêmico, instigando e circulando novos ares para o cenário de estudo formal. A ResArtis,<sup>4</sup> associação voltada à promoção e difusão de programas de residência pelo mundo, atualmente contabiliza mais de 490 iniciativas parceiras cujas atividades focam continuamente em programas de residência artística, em mais de 70 países. Outra rede, a *Transartists*,<sup>5</sup> aponta um número de aproximadas 1.400 residências espalhadas pelo mundo.

Na grande maioria dos casos, os programas não se restringem às residências e oferecem uma vasta gama de atividades à comunidade local e aos visitantes: produção de trabalhos, organização de exposições, agenciamento e supervisão de pesquisas de médio e longo prazo, e realização de programas voltados à formação continuada, como seminários, cursos e oficinas, passando também pela produção e lançamento de publicações. Geralmente, as residências acabam funcionando como arquivos e centros de referência de documentação para a pesquisa do trabalho dos ex-residentes, e não é raro que constituam uma biblioteca pública (PACKER, 2014, p. 30).

O objetivo deste artigo não é levantar ou mapear as residências já existentes, mas sim, estimular as múltiplas possibilidades de ações do que podemos chamar de “residência artística” em laboratórios, e muitos são os formatos possíveis de conexão entre artistas e universidades. É também interessante pensar que as residências artísticas não são algo novo, e muito menos algo não elaborado, discutido e instituído. O conhecimento se dá pela experiência e por sua troca. Por isso, relatos de projetos e pesquisas que envolvam esse tipo de ação devem também ser estimulados para publicações e outras formas de compartilhamento de informação, como

---

<sup>3</sup> Cartograma começou em 2014 como um festival de arte para compartilhar modos de pesquisar em artes cênicas e hoje é um encontro sobre arte e ciência. Disponível em: <<http://corpoeartelab.com/>>.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.resartis.org/en/>>.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.transartists.org/>>.

congressos, seminários, entre outras. A proposta é que isso seja feito também, de maneira diversa, para que não se normatize as ações e a imaginação, e o pensamento possa ser livre e coerente com os espaços e características que cada laboratório pode oferecer.

Por outro lado, para os artistas, esse espaço também é crucial para sobrevivência e fortalecimento. A possibilidade de ter uma sala para ensaios semanais foi avaliada de maneira muito positiva para as artistas participantes do nosso programa. Um espaço constante, limpo, sem nenhuma necessidade de gestão ou pagamento foi crucial para o desenvolvimento das obras por elas apresentadas. É claro que só o espaço não basta. Como já relatamos, a falta de qualquer apoio financeiro para o projeto impediu que a residência também oferecesse uma bolsa ou qualquer outra ajuda de custo para a produção das obras.

## RESISTÊNCIA

A criação de diferentes espaços voltados para a realização de residências artísticas espalhadas pelo Brasil ( e pelo mundo) “nos mostra o importante papel que este tipo de experiência tem ocupado no atual cenário da produção das artes contemporâneas” (Packer, 2014, p. 31). Em 2014, a Funarte organizou um seminário e um mapeamento de residências artísticas no Brasil, que culminou numa publicação intitulada *Mapeamento de residências artísticas no Brasil* (VASCONCELOS; BEZERRA, 2014), com textos de artistas e pesquisadores da área, dados de uma pesquisa e levantamento realizados pela equipe do Ministério da Cultura, e breves relatos de experiências diversas em todo o território nacional. As experiências relatadas no livro e os dados da pesquisa tiveram o apoio do edital “Interações estéticas”, que previa um prêmio em dinheiro para iniciativa de residências e trânsitos entre artistas e pontos de cultura – infelizmente esse edital não existe mais e muitos dos pontos de cultura também não funcionam a partir de mudanças políticas no MinC em 2010. Um programa dessa natureza só seria possível com incentivos financeiros e estruturais para possibilitar a ampla participação de representantes de programas de residência artística, de docentes universitários, alunos, de artistas das mais diversas linguagens, de gestores e produtores culturais. Ou seja, o diálogo e a troca devem ser elementos do próprio processo de construção.

Além da questão estrutural e econômica, o desafio maior é pensar coletivamente sobre o papel da universidade e seus laboratórios nessa rede.

Produzir dados, organizá-los e disponibilizá-los; promover encontros entre diferentes agentes do campo das residências (agências de fomento nacionais e internacionais, programas de residência, artistas, gestores e pesquisadores); fomentar as residências como espaço de experimentação, troca e trabalho no atual cenário da arte; criar mecanismos de difusão da produção artística gerada pelas residências; preservar a memória da arte em suas diferentes linguagens (VASCONCELOS, 2014, p. 20).

Esses são apenas alguns possíveis papéis dos laboratórios científicos nessa empreitada. Dessa maneira, quando pensamos em residências artísticas em universidades brasileiras, fomentamos também uma epistemologia do Sul, ou melhor, epistemologias do Sul, situações extremamente dinâmicas que se constroem e destroem o tempo todo, no diálogo e expansão de redes nos próprios contextos e culturas – que é o caso da América Latina.



As residências artísticas, promovendo os deslocamentos e mobilidades, colocam em contraposição uma maneira global de fazer e um jeito local de fazer, onde as emergências e as expressões de identidades são determinadas e partir de “fissuras do sistema” (MEJÍA JIMÉNEZ, 2007), que criam espaços de sonho e utopia. Lugares utópicos, contraespaços na universidade, onde a arte e o encontro podem acontecer. Para Foucault em toda sociedade existem utopias localizáveis:

[...] utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que têm um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário de todos os dias (FOUCAULT, 2013, p.19).

A proposta de se criar contexto acaba sendo desenvolvida não só pela proposição da residência artística, mas principalmente pela criação de um espaço que é vivo, onde circulam olhares e pessoas. Diferentemente do “fantasmagórico contemporâneo”, citado por Anthony Giddens (1991), que proporciona a sensação de deslocamento e ausência, a arte e sua implicação criativa cria uma espécie de “resistência” a isso. A liberdade de deslocar-se e mover-se e a igualdade de epistemologias são formas de resistência. E essa resistência da arte define, assim, a experiência viva e sensível de um espaço de convivência, de um espaço comum.

A presença do provisório, da narrativa do presente, tanto na arte como na ciência, tem como efeito “revelar os limites convencionais da arte num tempo e lugar específicos” (FOSTER, 2014, p. 37). Essa fragmentação e ao mesmo tempo, precariedade, do objeto artístico estariam relacionadas com a subjetividade contemporânea, também atravessada por cenários e contextos igualmente fragmentados do ponto de vista político e social. É nesse sentido que a arte pode colaborar com a ciência e vice-versa: deslocando os sentidos e criando mobilidades provisórias para enfrentar o desastre e a incerteza do presente.

Agradeço os parceiros desse projeto que possibilitaram sua realização: Pró-Reitoria de Extensão da Unifesp, professora doutora Ana Hoffman, professores, alunos, técnicos e colaboradores do Laboratório Corpo e Arte, professor doutor Stéfani Caiaffo pela ajuda na seleção dos projetos. Agradeço às artistas participantes: Juliana França e Laura Lavorato.

Artigo recebido em 30/01/2017 e aprovado em 19/04/2017.

## REFERÊNCIAS

FOSTER, H. *O retorno do real: a vanguarda no final do século XX*. São Paulo: Cosac Naify, 2014

FOUCAULT, M. *O corpo utópico; As heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

KLEIN, N. Prepare-se para o capitalismo do desastre de Trump. *The Intercept*, 26 jan. 2017. Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/01/26/prepare-se-para-o-capitalismo-do-desastre-de-trump/>>.

MEJÍA JIMÉNEZ, M. R. *Educación(es) enla(s) Globalización(es): entre el pensamiento único y la nueva crítica*. Bogotá: Ediciones desde Abajo, 2007.

MORAES, M. *Residência artística: especificidades da pesquisa/produção*.

In: VASCONCELOS, A.; BEZERRA, A. (Org.). *Mapeamento de residências artísticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 2014. Disponível em: <[https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Varsovia/pt-br/file/miolo+capa-livro-res-artisticas-FINAL\\_baixa-res.pdf](https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Varsovia/pt-br/file/miolo+capa-livro-res-artisticas-FINAL_baixa-res.pdf)>.

PACKER, A. Resiliências artísticas. In: VASCONCELOS, A.; BEZERRA, A.(Org.). *Mapeamento de residências artísticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 2014. Disponível em: <[https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Varsovia/pt-br/file/miolo+capa-livro-res-artisticas-FINAL\\_baixa-res.pdf](https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Varsovia/pt-br/file/miolo+capa-livro-res-artisticas-FINAL_baixa-res.pdf)>.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

RANCIÈRE, J. Será que a arte resiste a alguma coisa? In: LINS, D. (Org.). *Nietzsche, Deleuze, arte, resistência*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

VASCONCELOS, A. Apontamentos para a construção de um programa Funarte de residências artísticas. In: VASCONCELOS, A.; BEZERRA, A. (Org.). *Mapeamento de residências artísticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 2014. Disponível em: <[https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Varsovia/pt-br/file/miolo+capa-livro-res-artisticas-FINAL\\_baixa-res.pdf](https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Varsovia/pt-br/file/miolo+capa-livro-res-artisticas-FINAL_baixa-res.pdf)>.

VASCONCELOS, A.; BEZERRA, A. *Mapeamento de residências artísticas no Brasil*. VASCONCELOS, A.; BEZERRA, A. (Org.). *Mapeamento de residências artísticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 2014. Disponível em: <[https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Varsovia/pt-br/file/miolo+capa-livro-res-artisticas-FINAL\\_baixa-res.pdf](https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Varsovia/pt-br/file/miolo+capa-livro-res-artisticas-FINAL_baixa-res.pdf)>.